

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Oriente Médio e a mídia brasileira

Conteúdo do portal de notícias UOL

Caroline Pereira dos Santos Lima

Maio de 2017

**Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação do
Prof. Dr. Dennis de Oliveira**

ORIENTE MÉDIO E A MÍDIA BRASILEIRA - CONTEÚDO DO PORTAL DE NOTÍCIAS UOL¹

Caroline Pereira dos Santos Lima²

RESUMO

O presente trabalho tem como foco analisar a cobertura jornalística que a grande mídia brasileira tem produzido e veiculado, a partir de um portal online com elevado número de acessos, sobre os assuntos relacionados ao Oriente Médio, com ênfase nos conflitos que atingem a região. O estudo abordará principalmente a falta de humanização e participação dos habitantes da região em questão, observadas nas produções jornalísticas, através das reportagens e os elementos que as compõem, como títulos, entrevistas, fontes, fotografias, ilustrações, profundidade, entre outros.

Palavras-chave: Jornalismo, Análise, Oriente Médio, Zonas de Conflito, Mídia

ABSTRACT

The present work has as focus analyses the journalistic covering, that the great Brazilian media has been producing and conveying, in a website which has a high number of accesses, on the subjects related to the Middle East, with emphasis in the conflicts that reach the region. This study will board mainly the lack of humanization and participation of the citizen of the region related, when they noticed in the journalistic productions, through the reports and the elements that compose them, like titles, interviews, sources, photographs, illustrations, depth, and others.

Keywords: Journalism, Analysis, Middle East, Conflict Zones, Media

RESUMEN

Este documento se centra en el análisis de la cobertura periodística que los grandes medios de comunicación de Brasil ha producido y publicado desde un portal online con un alto número de accesos, sobre temas relacionados con el Medio Oriente, con énfasis en los conflictos que afectan a región. El estudio aborda principalmente la falta de humanización y la participación de los individuos en cuestión, se observa en las producciones periodísticas, a través de informes y los elementos que las componen, tales como títulos, entrevistas, fuentes, fotos, ilustraciones, profundidad, entre otros.

Palabras clave: Periodismo, Análisis, Medio Oriente, Zonas en Conflicto, Medios de Comunicación

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura, pelo CELACC, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

² Graduada em Comunicação Social- Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

1. Introdução

Diariamente, recebemos informações com o termo “terrorismo”, “ataques” e “conflito” e quase sempre esses termos estão relacionados às regiões do Oriente Médio. A proposta do presente trabalho é buscar compreender os fenômenos que levam as produções e veiculação de notícias, sobre esses lugares, estarem frequentemente atreladas a estes temas. A partir da análise de conteúdo, iremos procurar padrões nessas informações e práticas jornalísticas, que nos trazem notícias como essas.

No cenário atual, vivemos a experiência de habitar em um mundo globalizado, no qual o fluxo de informações é contínuo e imediato. As expressões “aqui” e “agora” tornam-se, cada vez mais, parte intrínseca desta realidade, como vemos em diversos estudos que relatam a pós modernidade. Com tantas situações acontecendo a cada segundo e sendo postadas e compartilhadas rapidamente, compete ao jornalismo filtrar as notícias que irão estampar as capas dos jornais, que terão destaque nos portais e que serão as manchetes dos programas de televisão. Quase sempre, o principal argumento utilizado para justificar esses critérios de seleção é o interesse público.

No primeiro momento de acesso às notícias, a maioria das pessoas está sujeita a receber os conteúdos previamente selecionados pelos jornalistas e somente uma parcela privilegiada da sociedade desfruta do benefício de ter acesso a determinadas informações, que nem sempre nos são divulgadas, neste caso os jornalistas, donos dos meios de comunicação, empresários e pessoas envolvidas com o poder de certa forma. Os grandes conglomerados da mídia estão concentrados em poucas pessoas e propagam as mesmas informações, a partir dos seus próprios critérios de seleção noticiosos e midiáticos, majoritariamente influenciados por fatores políticos e econômicos.

Hoje, porém, os dez ou doze conglomerados de alcance global controlam não só os meios tradicionais, mas também os novos meios eletrônicos e digitais, e avaliam em termos de custo benefício as vantagens e desvantagens do jornalismo escrito ou a imprensa, podendo liquidá-la, se não acompanhar os ares do tempo. (CHAUÍ, 2006, p.13)

Como elucidado por Chauí acima, percebemos que o controle de todas as informações transmitidas em massa em âmbito mundial, estão nas mãos de poucos conglomerados, que tem o poder de divulgar apenas as notícias convenientes para o bem

estar de suas empresas, famílias e associações. Essa é uma das questões que procuraremos assimilar nesse trabalho, através da análise do portal de notícias brasileiro, iremos verificar nessas produções, os padrões de manipulação e o fazer jornalístico, a sutileza ao transmitir conteúdos a partir de uma única perspectiva, sem demonstrar isso assumidamente.

A princípio, iremos percorrer uma trajetória sobre os meios de manipulação da mídia com a obra *Manufacturing Consent*, de Edward Herman e Noam Chomsky. Também abordaremos as questões dos simulacros criados pela mídia, para propagar conteúdos a partir de determinados interesses econômicos, com base na autora Marilena Chauí, em seu livro *Simulacro e Poder - Uma Análise da Mídia*. Associando os conceitos desses três autores, buscaremos entender os processos comunicacionais, citados anteriormente, que resultam em determinados tipos de notícias, como as veiculadas pelo portal em questão.

Em 2015, ao acompanharmos as coberturas brasileiras sobre os “atentados terroristas” em Paris, surgiu em nós o questionamento: por que a morte desses europeus gerou uma repercussão astronômica nas mídias em âmbito mundial? Por outro lado, as mortes diárias de indivíduos das zonas de conflito do Oriente Médio geram nada mais do que notícias. Estas diferenças nos levam a pensar que bombardeios são comuns para quem reside nesta região. Vemos poucos depoimentos das famílias, das autoridades locais, dos jornalistas locais.

A maioria do conteúdo que nos é transmitido parte de jornalistas americanos e europeus discorrendo a respeito de um conflito que pouco entendemos. A mensagem que fica é: mais uma notícia como as outras, que vemos há anos, sobre uma região conflituosa, as informações são incompletas e totalmente descontextualizadas e desconexas.

Ao observarmos atentamente os conteúdos que deveriam contar as histórias dessas pessoas, parece-nos que tudo está pela metade. Sabemos o que está acontecendo, porque nos é informado, mas não sabemos os motivos dos conflitos, dos bombardeios, das guerras, dos soldados mortos, das crianças feridas. Não sabemos o porquê. O que sabemos é que os Estados Unidos reforçaram sua participação na guerra, que os rebeldes têm seu apoio para combater um governo autoritário, e claro, vemos o espetáculo de horror promovido pelo Estado Islâmico, o qual a mídia ocidental não economiza nas imagens fortes e na

escancarada violência.

Por outro lado, no período dos “ataques terroristas” que acometeram a França, sabíamos até mesmo como encontrar as contas pessoais do facebook de cada uma das vítimas, sabíamos suas profissões, suas histórias de vidas, seus planos para o futuro, sabíamos suas nacionalidades, sabíamos quase tudo, tamanho foi o detalhamento dessa cobertura. Sobre os “terroristas” sabíamos que eram indivíduos “alienados, seguidores do islamismo, que desde jovens tinham comportamentos estranhos e que após morarem anos na Europa, começaram a frequentar alguma mesquita e foram identificados na Europa como ‘terroristas’”.

Podemos exemplificar essa situação, a partir do trecho desta matéria publicada em 9 de dezembro de 2015, no portal de notícias brasileiro G1: “Mostefai era considerado pelos serviços secretos como um possível radical islâmico desde 2010”. O uso da expressão “possível radical islâmico” já nos evidencia uma escolha atenta das palavras corretas, para estimular os receptores a criarem uma ideia e um imaginário comum, de que certamente, as autoridades francesas já estavam conscientes de que esse jovem de origem árabe, possivelmente, era um radical islâmico.

Por isso, ao analisarmos os conteúdos do portal de notícias UOL, anteriormente selecionados, teremos como principal fio condutor a busca de possíveis fenômenos, que resultam no modelo de jornalismo, o qual temos acesso hoje em dia nos meios online de massa. Procuraremos entender, em quais interesses essas escolhas jornalísticas são baseadas, a partir de quais preceitos o jornalismo se apropria para selecionar suas pautas e produzir seus conteúdos e no cenário brasileiro, qual é o modelo de informação que seguimos ou reproduzimos atualmente.

2. Oriente Médio frequentemente em pauta

Não cabe a nós neste trabalho fazer uma análise geopolítica dos conflitos que acometem os países do Oriente Médio, mas a título de compreensão da análise da mídia brasileira sobre esse tema, iremos contextualizar brevemente a situação. A região onde atualmente está situado o Oriente Médio, há muitos anos é considerada um ponto estratégico e privilegiado por estar entre três importantes continentes: África, Ásia e

Europa.

Além da localização peculiar, os países que compõem a região são providos de recursos naturais, especialmente o petróleo. Falando a grosso modo, podemos considerar que esse é um dos principais motivos, que leva a região a ser um lugar onde diversas potências mundiais querem estar. Em termos históricos, a região tem uma grande instabilidade, por ter sido submetida ao colonialismo francês e britânico, e, conseqüentemente, ter que conviver com fronteiras impostas pelos colonizadores que, como na maioria dos casos, não respeitam as diversidades culturais e religiosas compreendidas em cada território, forçando os países com multiplicidades étnicas e religiosas a viverem sob as mesmas leis e normas sociais, mesmo com sistemas políticos e econômicos diferentes.

A região do Oriente Médio é composta pelo Afeganistão, Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Síria e Turquia, e os interesses econômicos e políticos sobre essa região vem de longa data, por isso, há alguns anos esses países vêm sendo pauta da mídia ocidental constantemente. O motivo dessas coberturas sempre está relacionado à alguma guerra, ao fanatismo religioso e desde seu estopim em 2001, com os ataques de avião ao World Trade Center, aos atentados terroristas. Nas narrativas midiáticas que temos acesso, notamos um padrão, onde sempre nos é apresentada uma nação, que por alguma comoção política com base na religião, está em conflito e portanto necessita de uma intervenção americana ou europeia, para apaziguar a situação.

Assim foi na guerra do Iraque, tropas militares americanas invadiram o país por conta de uma suspeita, de que o Iraque estava desenvolvendo armas de destruição em massa que jamais foram encontradas, ou seja, não houve nenhuma justificativa plausível para se dar início a uma guerra duradoura e com tantas mortes e destruição, a não ser os interesses geopolíticos norte americanos sobre a região. E vindo nessa onda de guerras e conflitos, os Estados Unidos e potências europeias desestabilizam os regimes e as economias desses países, e o jornalismo desempenha papel fundamental para essa hegemonia norte americana, pois a partir dele são propagadas ideias errôneas e estereotipadas sobre essas pessoas do Oriente Médio.

Marilena Chauí explica, em sua obra *Simulacro e poder*, a atuação norte americana nesta região:

Situação semelhante ocorreu e ocorre com as notícias sobre o Afeganistão e o Iraque, isto é, não há nenhuma referência aos interesses econômicos e o geopolíticos dos Estados Unidos sobre uma das regiões mais ricas em petróleo e minérios. No caso do Iraque, os noticiários, além de repentinamente transformarem Saddam Hussein em ditador feroz e louco- ele que até pouco tempo era um aliado, treinado e armado pelos serviços de segurança norte-americanos durante a guerra contra o Irã, declaram incessantemente que a invasão teve como finalidade instalar a democracia e a liberdade no Iraque, de maneira que, para explicar o inexplicável, ou seja, uma guerra civil que já dura cinco anos, as notícias afirmam que se trata de “insurgentes” estrangeiros e fanáticos religiosos. (CHAUÍ, 2006, p 47)

Nesse trecho, a autora deixa evidente que o estereótipo relacionado aos povos desses países, sempre acaba caindo no lugar comum e se apegando ao fanatismo religioso, pois esse é um ponto delicado na visão de uma cultura ocidental baseada no cristianismo. Compreender a cultura do outro, torna-se ainda mais difícil, quando a mídia apresenta o outro como fanático religioso, apaixonado e estrangeiro. Além desses estereótipos, encontramos também dificuldade em diferenciar as religiões dos povos árabes. Muitas vezes as pessoas acabam confundindo os termos “árabe” (ligado a uma região e descendência) com “muçulmano” (associado à religião islâmica). Por meio dessas características apresentadas através do discurso jornalístico hegemônico, as notícias relacionadas ao Oriente Médio trazem uma visão única e manipulada sobre uma comunidade imensa de pessoas, que possuem suas particularidades.

Para analisarmos a cobertura midiática acerca do Oriente Médio é necessário que compreendamos algumas informações anteriormente. Segundo Herman e Chomsky (2003), no mundo que vivemos, repleto de interesses de classes e com desigual distribuição de renda é necessário que se pratique um jornalismo seguindo um modelo de propaganda. Esse modelo de produção de notícias, engloba cinco filtros que são descritos nos estudos dos autores, os quais iremos utilizar para a realização deste trabalho. Esses filtros são: (1) o porte, a concentração da propriedade, a fortuna dos proprietários e a orientação para o lucro das empresas que dominam a mídia de massa, (2) a propaganda como principal fonte de recursos da mídia de massa, (3) a dependência da mídia de informações fornecidas pelo governo, por empresas e por “especialistas” financiados e aprovados por essas fontes primárias e agentes do poder, (4) a bateria de reações negativas em inglês (flak) como forma de disciplinar a mídia e o (5) “anticomunismo” como religião nacional e mecanismo

de controle. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 62).

Com o domínio de poucos grupos sobre todo o fluxo de informações globais, vemos que os processos de manipulação podem ser aplicados com facilidade sobre quaisquer tipos de assuntos, e a fim de alcançar certa sutileza da manipulação, os recursos para que essas produções tenham tanta credibilidade são enormes. No caso do Oriente Médio, veremos a seguir nas análises, como essas notícias são formadas e levadas ao público. Observamos que a opinião pública é formada a partir de informações jornalísticas, que como explica Chauí é um conteúdo:

Rápido, barato, inexato, partidarista, mescla de informações aleatoriamente obtidas e pouco confiáveis, não-investigativo, opinativo ou assertivo, detentor da credibilidade e da plausibilidade, o jornalismo se tornou protagonista da destruição da opinião pública. (CHAUÍ, 2006, p. 14)

Notamos, que os preceitos que norteiam o fazer jornalístico, como objetividade, interesse público, relevância, entre outros, são deixados de lado quando se segue o modelo jornalístico de propaganda, e ao utilizar esses filtros os próprios profissionais da comunicação acreditam que estão atuando de forma correta e objetiva (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p.62). No entanto a dominação da mídia por uma elite privilegiada faz com que as pessoas se orientem a partir de uma mesma visão e formem sua opinião da mesma maneira, e as consequências traz um jornalismo como esse são: uma sociedade cheia de preconceitos, xenófoba e cruel. O imaginário criado nos receptores dessas notícias os norteiam a tomar atitudes desumanas, como ataques de violência e também ataques morais a qualquer pessoa de descendência árabe, apenas pela sua aparência ou preferências religiosas, por exemplo.

Analisando por esse ponto, os meios de comunicação tornam-se um espaço comum determinante para justificar atitudes de indivíduos, baseados na opinião de uma pequena parcela dominante:

Ela traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder são capazes de filtrar as notícias adequadas para serem impressas, marginaliza as opiniões contrárias e permite que o governo e os interesses privados dominantes transmitam suas mensagens ao público. (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 62)

Os recursos midiáticos são muitos, pois nada como a comunicação de massa é capaz de transmitir ideias com amplo alcance, com eficiência e credibilidade. Uma parcela muito pequena das pessoas desconfiam dos conteúdos que lhes são transmitidos e uma parcela menor ainda se engaja em questionar esses conteúdos. Com base em dados

manipulados, versões de especialistas e principalmente da imagem consolidada que esses conglomerados já têm, a facilidade de escolher informações a serem veiculadas e produzi-las, a partir de um mesmo fluxo de ideias para se criar um senso comum é mais fácil ainda. E, todos esses conglomerados que produzem e propagam notícias dessa forma, estão à serviço do principal sujeito de poder atual, o capital (CHAUÍ, 2006, p. 74).

3. Mecanismos de construção do conteúdo midiático

Para analisarmos os conteúdos, do portal noticioso UOL, relacionados ao Oriente Médio iremos levar em conta alguns mecanismos. Seguiremos a lógica da autora Marilena Chauí, acerca da construção de simulacros relacionados ao poder. E, também levaremos em consideração alguns dos filtros (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p.62) mencionados anteriormente, que são empregados para a elaboração de um jornalismo seguindo o modelo de propaganda.

Atualmente, temos observados muitas notícias relacionadas à Síria, mas o que sabemos sobre elas são que os rebeldes tem apoio norte americano e de algumas potências europeias e o governo tem apoio da Rússia, sabemos dos ataques modernos feitos através de drones e sabemos que muitos civis estão morrendo, sabemos detalhadamente sobre os ataques programados e executados pelo Estado Islâmico. Mas pouco sabemos sobre o contexto social, político e religioso com profundidade. Esse comportamento que encontramos na mídia pode ser classificado, pelas características descritas por Chauí, como Atopia que segundo explicação da autora é:

Ausência de referência espacial ou atopia: as diferenças próprias do espaço percebido (perto, longe, alto, baixo, grande, pequeno) são apagadas; o aparelho de rádio e a tela da televisão tornam-se o único espaço real. As distâncias e proximidades, as diferenças geográficas e territoriais são ignoradas de tal modo que algo acontecido na China, na Índia, nos Estado Unidos ou em Campina Grande apareça igualmente próximo e igualmente distante. (CHAUÍ, 2006, p. 46)

E também Acronia explicado pela autora como:

Ausência de referência temporal ou acronia: os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros; surgem como pontos puramente atuais ou presentes, sem continuidade no tempo, sem origem e sem consequências; existem enquanto são objetos de transmissão e deixam de existir se não são transmitidos. Tem a existência de um espetáculo e só permanecem na consciência dos ouvintes e espectadores enquanto permanece o espetáculo de sua transmissão. (CHAUÍ, 2006, p. 46)

Esses dois termos utilizados pela autora explicam bem, e nos fazem entender, como as notícias são transmitidas de forma incompleta, mas propositadamente. Quando observamos casos marcantes e recentes sobre a cobertura midiática das zonas de conflito do Oriente Médio, vemos que essas definições cabem perfeitamente as situações. Um exemplo que tomou grandes proporções foi a foto de Alan Kurdi, menino sírio, que foi encontrado na Turquia, morto à beira do mar. Neste caso, a espetacularização acerca do caso foi tão grande, que a foto daquela criança, semelhante a qualquer outra, chocou o mundo. Houve sensibilização, pois a foto foi retirada da realidade de milhares de crianças, adolescentes, adultos e idosos que atravessam as fronteiras, para encontrarem um lugar com um pouco mais de segurança para viver, e foi focada no recorte de ser uma criança como todas as outras.

E, assim são produzidas as notícias relacionadas ao Oriente Médio, elas são trazidas fora do seu contexto de fato e sem maior profundidade. Com base nos interesses econômicos dos grandes conglomerados comunicacionais, que giram em torno do capital, ao se produzir as notícias devem ser levadas em conta a opinião dos anunciantes, as opiniões dos detentores e acionistas do grupos, quase sempre relacionados ao mercado, e também ao governo. Segundo os autores:

Um outro importante relacionamento estrutural é construído pela dependência e pelas ligações das empresas de mídia com o governo. Todas as empresas e redes de rádio e televisão precisam de licenças e franquias do governo e, conseqüentemente, ficam sujeitas a serem controladas ou a sofrerem restrições por parte do governo. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 72)

Dessa forma, percebemos porque as notícias possuem todas um viés semelhante e somente conseguem a comoção dos leitores quando trata-se de algo que as pessoas se identificam e se sentem tocadas, mesmo assim o assunto continua sendo algo incompreendido, por estar descontextualizado.

4. Metodologia- análise de conteúdo de notícias de portais

Para este estudo, optamos por realizar a análise qualitativa dos conteúdos trazidos em um dos principais portais de notícias brasileiro, o UOL. Este portal traz conteúdos noticiosos e de entretenimento e é muito acessado. Segundo o próprio site do portal: “a maior empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet, desde sua estreia em

abril de 1996”. Segundo a empresa americana, Omniture, que trabalha com análises de websites, o portal UOL possui: “7,4 bilhões de páginas vistas todos os meses e sua home page recebe mais de 50 milhões de visitantes únicos por mês.” O website da UOL tem produção jornalística própria com 200 profissionais e mais de 400 parceiros, segundo suas próprias informações. Escolhemos esse veículo por ser um canal amplamente acessado pelos brasileiros, o que contribuirá para entendermos qual o tipo de mensagem sobre o assunto abordado temos acesso.

Laurence Bardin afirma que “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação.” (1977, p.19). Por isso, nosso objetivo central é analisar os conteúdos noticiosos de três matérias, que abordam os assuntos relacionados às zonas de conflito do Oriente Médio, a partir de elementos jornalísticos como: escolha das manchetes, repetição de palavras, uso de fontes, de imagens, dados, tamanho da matéria, entre outros.

Para iniciarmos as análises, primeiro procuramos em qual sessão iríamos encontrar matérias relacionadas ao tema. Dentro do menu de notícias, fomos até a editoria Internacional. Lá vimos um tópico chamado Estado Islâmico e nessa sessão encontramos matérias relacionadas ao Oriente Médio. Nesse ponto, já podemos ver que todo um conjunto de nações está compreendido em um tópico intitulado pelo nome de uma entidade, que representa uma minoria desses cidadãos. Mas, provavelmente por ter ampla repercussão notícias associadas ao Estado Islâmico, o UOL utiliza esse termo para nomear o tópico. Ao acessarmos, a aba Estado Islâmico, encontramos subtópicos: Notícias, Fotos, Vídeos, De onde vem a fortuna do EI?, Grupos Extremistas, Recrutamento, Mulheres do EI. Percebemos que o Portal UOL, se dedica a fazer uma cobertura sobre todos os assuntos que de alguma forma são sobre o grupo extremista, principalmente, sobre a participação das mulheres.

Levando em conta os critérios explicitados anteriormente, realizamos as seguintes análises de matérias postadas entre 23 de fevereiro de 2017 à 27 de fevereiro de 2017, na editoria internacional do portal UOL:

4.1 Análise 1- “O que leva uma criança a dizer que apoia o Estado Islâmico?”

Esta matéria publicada em 27 de fevereiro de 2017, conta a história de uma criança com descendência árabe que sofria bullying na escola que frequentava em Londres e por isso começou a pesquisar sobre o Estado Islâmico e criar certa simpatia pelo grupo. Os professores do garoto perceberam seu comportamento alterado e o encaminharam para um programa chamado *Prevent*, que previne o envolvimento de indivíduos com o radicalismo. Durante o texto, o que nos chamou atenção foi o fato de a história do garoto ser contada a partir do episódio dos atentados que aconteceram em Paris, sem falar sobre a própria história de sua nação e dos conflitos, limitando-se apenas aos sentimentos do garoto. Marilena Chauí nos ajuda a compreender esse fenômeno em:

Essa mesma tendência aparece, por exemplo, como regra de trabalho de muitos articulistas de jornais e revistas, que não nos informam sobre os fatos, acontecimentos e situações, mas gastam páginas inteiras nos contando seus sentimentos, suas impressões e opiniões sobre pessoas, lugares, objetos, acontecimentos e fatos que continuamos a desconhecer porque conhecemos apenas sentimentos e impressões daquele que deles fala. (CHAUI, 2006, p.7)

Durante todo texto, temos a sensação de que o programa do governo britânico salvou uma vítima do Estado Islâmico, mas não temos acesso a história do garoto em profundidade, apenas em certos trechos ficam explícitas suas impressões, mas sem dados que nos explicam o que é o Estado Islâmico e porque recrutam pessoas, do que se trata o conflito etc. Nessa frase, retirada do texto: “Mas nesse caso a curiosidade o levou a ter problemas”, o jornalista traz uma ideia de que o problema da situação estava na curiosidade do garoto, em querer saber mais sobre um problema latente e não dá falta de informação disponível sobre a situação de seu país, a falta de identificação com o lugar que vivem, o bullying praticado por outras crianças, que provavelmente, associavam o menino árabe ao estereótipo propagado constantemente, associado ao fanatismo religioso, terrorismo, pessoas que são movidas por paixões, etc.

O fato da matéria ser associada ao atentado que aconteceu em Paris, também nos mostra como o protagonismo europeu se sobrepõe aos conflitos e dificuldades sofridas pelos indivíduos árabes, que supostamente deveriam ser o fio condutor da matéria. Os atentados se sobrepõem, sutilmente, através da utilização de alguns artifícios jornalísticos, como a imagem que abre a matéria. Ela deveria se referir ao menino que faz parte da

história contada, mas a imagem que ilustra a reportagem é de um moço, bem mais velho que a criança, com barba, aparência associada ao fenótipo árabe e agarrado à uma bandeira preta. Já a galeria de imagens dedicada ao atentado da capital francesa, tem 124 fotos que dão uma dimensão completa sobre o episódio além de um link “Veja Mais”, que encaminha os leitores para matérias específicas sobre o acontecido. Uma outra galeria, último elemento da matéria, nos apresenta onze imagens de atentados, mortes violentas, sofrimento e pessoas feridas envolvendo os países: Iêmen, Líbia, Tunísia, Egito, França, Líbano, e também indivíduos russos e britânicos, todos vítimas de atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico.

Ao vermos a narrativa da matéria, percebemos que tudo começa como a história de uma criança, que por pouco não se associou à regimes radicais de locais que envolvem sua terra natal. Durante o desenrolar da notícia, percebemos que o garoto passa a ser visto como uma possível ameaça, mas que graças ao trabalho eficiente dos professores britânicos, que notaram um comportamento diferente do garoto, o indicaram para um programa do governo chamado Prevent, e esse por sua vez encaminhou uma assistente social para reverter a situação do garoto. A assistente percebe que o menino de descendência árabe sofre bullying, e não é compreendido como igual aos demais, por ter aparência e características diferentes, originadas em sua cultura islâmica.

As falas da assistente social da Prevent, entrevistada e responsável pelo caso do garoto transmitem a ideia principal que a reportagem busca passar para o receptor:

"Não estamos sugerindo que ele se tornaria um terrorista. O que estamos dizendo é que ele estava vulnerável a isso", afirma Mariam. (...) "Poderia ter acessado um bate-papo e falado com alguém que está lá para radicalizar pessoas." (...) "É um jovem vulnerável que está vendo coisas, formando opiniões -mas não podemos prever como isso teria evoluído sem a intervenção do Prevent", admite. (O que leva uma criança a dizer que apoia o Estado Islâmico?, Portal Uol, Acesso em 28/02/2017)

Ao usar expressões como “terrorista”, “jovem vulnerável” e “intervenção da Prevent”, a assistente social passa para os leitores um certo “heroísmo” por parte do programa proposto pelo governo, e total eficiência na recuperação de pessoas comuns que possam vir a se tornar uma ameaça para o Estado. Por nenhum momento, nos é contado na matéria se o garoto teve alguma explicação para compreender o radicalismo do E.I., ou sobre os conflitos que acometem o Oriente Médio, sobre o porque ocorreram dois

atentados em Paris no mesmo ano. Nada disso é mencionado. O portal UOL divulgou essa notícia produzida pela emissora pública britânica BBC (British Broadcasting Corporation), em sua editoria Internacional, no tópico intitulado Estado Islâmico, termo que aparece por onze vezes nessa matéria de aproximadamente duas laudas.

4.2 Análise 2: Estado Islâmico propagandeia uso de drones para ataques ao Iraque

Essa matéria foi publicada no dia 27 de fevereiro e tem aproximadamente 1200 caracteres. Ela fala sobre o uso de drones pelo Estado Islâmico para atacar cidades e pessoas inocentes que se tornam alvo com muito mais facilidade ao utilizar o aparato tecnológico. No entanto, por nenhuma vez é mencionado o uso de drones pelo exército americano, por exemplo. A matéria, também produzida pela BBC, transmite a ideia de que o drone é uma novidade apresentada pelo Estado Islâmico nas guerras e conflitos, como forma de acertar indivíduos com precisão.

Uma das fontes da matéria é uma senhora de 55 anos, que tem 7 filhos e foi atingida na perna, hospitalizada, ela demonstra indignação com a violência que sofreu. Ao interpretar o texto, a ideia absorvida pelo leitor é a de que os únicos inimigos que propagam a violência nessas zonas de conflito são os membros do Estado Islâmico, que inclusive já utilizam essa tecnologia, ignorando o fato de que eles não são os precursores do uso de drones. O uso desses aparatos, bem como de outros tipos de armas pelos Estados Unidos pode ser compreendido no trecho:

(...) a política externa norte-americana que busca combater o terrorismo e a proliferação de Armas de Destruição em Massa (ADM), acaba a estimular a proliferação dos mesmos. Os estrategistas de Washington têm plena consciência dessa questão, mas a possibilidade sempre presente de proliferação é usada pela política doméstica e pela política interna, acionando o medo do terrorismo e a das ADM sempre que necessário a fim de garantir a obediência dos aliados e dos mais fracos, e, por meio das invasões, demonstrar a capacidade sempre disponível de reação. (CONDE, 2015, p.71)

Outro ponto importante dessa notícia é a seguinte frase: “Especialistas ainda não sabem se o vídeo é verídico”, nesse trecho, percebemos que está sendo veiculada uma informação, através do vídeo, que nem mesmo foi confirmada. Além disso, notamos como a presença de um especialista, mesmo quando não identificado, é crucial para dar credibilidade à um fato. Nessa matéria o termo Estado Islâmico foi usado 3 vezes, sendo

uma delas no próprio título.

4.3 Análise 3: Forças do Iraque tomam aeroporto durante combates com Estado Islâmico em Mossul.

Essa matéria é produzida pela britânica Reuters - a maior agência internacional de notícias, e fala sobre a retomada do aeroporto de Mossul, pelas forças do Iraque, atacando o Estado Islâmico. Logo na primeira linha notamos que a tomada do aeroporto foi uma realização do exército iraquiano com apoio dos Estados Unidos. A principal fonte entrevistada é o capitão da polícia federal Amir Abdul Kareem, o que nos mostra o que Herman e Chomsky dizem nos filtros de notícia do modelo propaganda: “a dependência da mídia de informações fornecidas pelo governo” (2003, p.62). Vemos que a opinião do representante das autoridades é a única que aparece identificada. Nos demais trechos encontramos termos como: “fontes relatam...”, quando o assunto se refere ao ataque do Estado Islâmico. Compreendemos que esses artifícios jornalístico, utilizados pelos produtores da notícia, reforçam a ideia de um inimigo comum e defendem o posicionamento político de um grupo hegemônico, justificando a violência do estado, como intervenção do estado para ordem. Durante esta narrativa o termo Estado Islâmico é citado por cinco vezes, uma delas no título.

5. Principais constatações das análises

Ao realizarmos as análises, notamos que nas três matérias estudadas neste trabalho, e que são veiculadas pelo portal UOL, há uma ideia de reforço ao inimigo comum, que segundo o quinto filtro colocado pelos autores, Herman e Chomsky (2003), se trata do “anticomunismo” como religião nacional. Neste caso, o Estado Islâmico é visto e interpretado como único causador de conflitos, mortes, atentados e desgraças que acometem a região. Um inimigo comum que surge para trazer todo tipo de tragédias, e associado sempre ao termo terrorismo, que causa pânico, na maior parte dos indivíduos das civilizações ocidentais. Não se menciona por nenhuma vez interesses geopolíticos americanos e/ou europeus e pouco se fala sobre essas potências, como agentes ativos das situações relatadas.

A autora Marilena Chauí fala sobre o uso do termo terrorismo e o modo como as

notícias acerca dessa assunto são veiculadas, com informações incompletas e superficiais que beneficiam determinados grupos em detrimento de outros, veja:

Com a palavra “terrorismo”, tudo parece explicado quando nada o é efetivamente. Aliás a desculpa esfarrapada para a invasão do Iraque e para as ameaças de uma invasão do Irã, além do embargo econômico que foi imposto a esses dois países, é a existência de pesquisas nucleares com finalidade bélica, sem que, no entanto, seja dita uma única palavra sobre as armas nucleares produzidas por Israel. E o mesmo ocorre a respeito da Palestina, que comparece nos noticiários apenas sob a forma de atos de terror, sem que seja mencionada uma única informação sobre a ocupação e invasão de territórios palestinos por Israel, assim como não é mencionado o cerco policial e militar da população palestina, sitiada por uma alta muralha sob guarda israelense e submetida ao corte de energia elétrica, abastecimento de água e alimentação. (CHAUÍ, 2006, p. 47)

Nas matérias analisadas percebemos que as ações de um pequeno grupo de países, com grande influência nos conflitos, fica praticamente escondida nas produções midiáticas do portal analisado. Uma estratégia para isso, é dar mais destaque ao grupo extremista em questão, o Estado Islâmico, atribuindo à eles uma sub editoria, abordando diferentes tipos de assuntos, todos relacionados ao grupo. Além desse destaque, a maioria das matérias trazem o termo já em seu título e o nome do grupo é citado muitas vezes no corpo do texto, reafirmando o tempo todo a ideia de inimigo em comum, de todos os cidadãos que não fazem parte dos extremistas, reforçando a ideia de inimigo em comum, ou seja todos os cidadãos são inimigos, inclusive os que não são extremistas. As notícias trabalham mais com as emoções do que com os fatos em si, e em nossas análises não vimos as opiniões dos cidadãos envolvidos sobre os conflitos. Tudo que tivemos acesso estava relacionado à impressões e sentimentos a respeito de fatos isolados, sem termos compreensão do problema no âmbito macro.

No meio de matérias todas semelhantes, por seus dados, conteúdos e abordagens a respeito do Oriente Médio, encontramos, em um carrossel dentro da editoria internacional do portal, uma matéria especial, de um projeto desenvolvido pelo UOL, desde 2014 que traz a situação de refugiados de que vivem na Grécia e que são de diversas nacionalidades: sírios, iranianos, afegãos etc. Essa matéria não aprofunda o tema, assim como as demais, e também não traz nenhum contexto histórico ou motivações para que os indivíduos estejam se refugiando em outros países. Porém, é o único conteúdo encontrado na pesquisa do presente trabalho e no período de análise, que dá voz às histórias dessas pessoas que estão

passando por isso, a partir das perspectivas delas.

Mas devemos nos atentar a um detalhe, exatamente como explicitado por Chauí, quando aborda as questões do simulacros, essa reportagem especial só traz as impressões sentimentais dessas pessoas. A autora exemplifica:

Não é casual que os noticiários, no rádio e na televisão, ao promover entrevistas em que a notícia é intercalada com a fala dos direta ou indiretamente envolvidos no fato, tenham sempre reportes indagando alguém “o que você sentiu ou sente com isso? ou o que você achou ou acha disso? você gosta? nao gosta disso?” Não se pergunta aos entrevistados o que pensam ou o que julgam dos acontecimentos, mas o que sentem, o que acham, se lhes agrada ou desagrada.” (CHAUÍ, 2006, p.6)

Aqui observamos que esse especial tem um recorte, focado em dizer sobre como os entrevistados se sentem, mas sem mencionar os motivos políticos que os fazem estar nessa situação, sem dados estatísticos, sem dados governamentais. Apenas a situação seguindo os padrões de acronia e atopia, como se fosse um caso aleatório, aquele grupo de pessoas estar vivendo naquelas condições e em busca constante de uma vida melhor.

Por isso, consideramos que neste portal, não temos acesso à uma abordagem completa a respeito dos conflitos da região estudada. O portal UOL adota uma linha, que conforme estudamos nesta pesquisa, dá mais destaque para a organização extremista, Estado Islâmico, como se estes fossem os únicos culpados pela violência e pelos conflitos de grandes proporções que são parte do cenário dessa região, e que ocasiona muitas mortes, atentados ou problemas como bullying, discriminação e preconceito em relação às pessoas, que não estão diretamente relacionadas ao conflito. As matérias analisadas não trazem referências históricas e nem dados concretos, não têm abordagens profundas, as fontes nem sempre são identificadas, apenas quando se trata de autoridades ou representantes legais. Nos casos que entrevistam pessoas vítimas dessa violência, o foco é voltado para suas impressões e sentimentos, e não sobre seus posicionamentos políticos e econômicos.

Dessa forma, consideramos que ao adotar uma postura de reproduzir e compartilhar os conteúdos vindos das agências de notícias europeias, como Reuters e BBC, a mídia brasileira, estudada neste trabalho através do Portal UOL, contribui para a construção de um olhar adepto à hegemonia europeia e norte-americana a respeito do mundo.

Considerações Finais

Após todo percurso percorrido durante este estudo, percebemos que as informações trazidas a respeito das regiões do Oriente Médio, estão sujeitas à diversos processos de seleção de notícias, que envolvem interesses dos veículos, e, principalmente, notamos que estão sujeitas a uma concentração de informações, uma vez que as fontes de notícias utilizadas são quase sempre as mesmas. O Portal UOL prioriza reproduzir os conteúdos de agências como Reuters e a BBC, ambas inglesas, ou seja, defensoras dos interesses dos países hegemônicos. Os sujeitos que estão diretamente envolvidos nas situações de guerras, lutas, manifestações, atentados, conflitos etc, não têm voz ativa sobre os fatos que eles mesmos estão submetidos, sobre a história que eles estão compondo, sobre as suas opiniões, vivências, impressões sobre as intervenções de outros países em conflitos que eles estão enfrentando.

O que acontece nessas produções jornalísticas é justamente o contrário, as histórias são incompletas, as matérias não trazem dados estatísticos, não trazem uma retrospectiva histórica, nem mesmo uma contextualização dos fatos. É apresentado à audiência um recorte com pouca abrangência e quase nenhuma profundidade. Os conteúdos noticiosos transmitidos por essas agências de notícias, fazem com que o indivíduo do Oriente Médio tenha uma imagem negativa diante da mídia, especialmente, com a vinculação dessas pessoas aos termos “terrorismo”, “rebeldes”, “fanáticos”, entre outros. Essa construção negativa toma conta da mídia hegemônica de forma geral, sendo que países como o Brasil, acabam fazendo parte do conjunto de receptores, que acessam informações incompletas, incoerentes e injustas com toda essa população.

Com a concentração da mídia em âmbito mundial na mão de poucos conglomerados, notamos que o discurso acerca do conflito adota um padrão, relacionado ao combate ao terrorismo. A mídia adota um comportamento em que há uma tentativa de justificar crueldades físicas e emocionais, que ocorrem nesses conflitos, apresentando-os como fatos isolados, sem contextualização.

Além disso, o que vemos ser praticado ultimamente é a classificação das pessoas

como as que merecem atenção midiática e as que não merecem, em decorrência disso, notamos uma imensa desumanização de sujeitos, que possuem suas trajetórias individuais, e também, em sua história como nação, trazem conquistas científicas, humanitárias, tecnológicas etc, que fazem parte de nossa história também. Consideramos que ao reproduzir esses conteúdos, o Portal UOL priva os brasileiros de ter acesso à uma visão plural e mais justa dos conflitos e atrocidades que atingem essas regiões, que não apresentam justificativa alguma, e que são reafirmados diariamente através da naturalidade em que são apresentados pela mídia.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. 1. ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **A manipulação do público**: Política e poder econômico no uso da mídia. 1ª Ed. Futura, 2003.

CONDE, Leandro Carlos Dias, **Revisitando a “Guerra ao Terror”: terrorismo e política externa norte-americana no pós-Guerra Fria**. Conjuntura Global, Vol. 4, n. 1, jan./abr., 2015, pp.70-83.

HAJJAR, Babel **Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global** / Babel Hajjar ; orientador, Dennis de Oliveira. – São Paulo, 2016 159 f.: il

Portal UOL. 2017. **Estado Islâmico propagandeia uso de drones para ataques no Iraque**. Disponível em:

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/02/27/estado-islamico-propagandeia-u-so-de-drones-para-ataques-no-iraque.htm> Acesso em: 26 de fev. 2017

Portal UOL. **Forças do Iraque tomam aeroporto durante combates com Estado Islâmico em Mosul**. 2017. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2017/02/23/forcas-do-iraque-tomam-aeroporto-durante-combates-com-estado-islamico-em-mosul.htm> Acesso em: 25 de fev. 2017

Portal UOL. **O que leva uma criança a dizer que apoia o Estado Islâmico?**, 2017.

Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/02/27/o-que-leva-uma-crianca-a-dizer-que-apoia-o-estado-islamico.htm#fotoNav=123> Acesso em: 28 de fev. 2017

Portal UOL. 2017. **O UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo online, serviços digitais e tecnologia.** Disponível em: <http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia.jhtm>
[Acesso em: 01 de fev. 2017](#)